

MISTÉRIOS DO DESCONHECIDO

SEITAS SECRETAS



Rosa-Cruzes: os Invisíveis



Os parisienses do século XVII estavam acostumados a ver suas paredes e prédios cobertos por anúncios, mas os pôsteres que encontraram em certa manhã de agosto de 1623 eram extraordinários e causaram uma sensação considerável. Os avisos informavam aos parisienses que uma misteriosa e secreta fraternidade acabava de fixar-se entre eles e estava em condições de trazer a verdadeira paz e sabedoria aos que procuravam a iluminação.

Uma das versões dos avisos afixados aos muros parisienses declarava: "Nós, representantes da principal sociedade dos Irmãos da Rosa-Cruz, estamos ficando visível e invisível na cidade pela graça do Altíssimo, para o qual o coração do Justo se volta. Mostramos e ensinamos sem livros e máscaras como falar a língua de todos os países em que quisermos ficar, para tirar nossos irmãos homens do erro da morte."

Outro cartaz oferecia a admissão para "todos aqueles que desejarem ingressar em nossa Sociedade e Congregação" e mais uma vez prometia paz e sabedoria universais. Embora os cartazes não dessem qualquer informação adicional sobre o local em que os interessados em tornar-se membros poderiam contatar a irmandade rosa-cruz, sugeriam indiretamente que os que fossem dignos seriam reconhecidos e procurados, no momento certo.

Os parisienses em geral ficaram apenas intrigados com os misteriosos cartazes da rosa-cruz, mas a estabelecida Igreja de Roma reagiu com medo e hostilidade. Depois de meio século de conflitos com os hereges protestantes sobre questões que iam do ritual eclesiástico à cosmologia medieval, os santos padres não estavam com muita disposição para tolerar mais um grupo de não-conformistas que prometia redefinir a relação mística entre Deus e a Natureza em termos que solapavam a autoridade existente. Era sabido na França que essa irmandade, comumente chamada de rosa-cruz, já atraía numerosos adeptos na Alemanha, nos Países Baixos e na Inglaterra, que já haviam sido os vilões da revolução protestante.

Prontamente, porta-vozes da igreja francesa emitiram vários manifestos denunciando os "Pretensos Invisíveis" e seus "Pactos Horríveis" com satã. Espalhou-se um folheto relatando que 36 "deputados" da rosa-cruz haviam se reu-

do na cidade provinciana de Lyons no dia da aparição dos
ortazes em Paris; na reunião de Lyons, esses discípulos do de-
nio teriam dividido todo o globo e se organizado em seis gru-
s de seis membros cada um. Também de acordo com essa
tra-propaganda, a missão de tais grupos seria levar suas men-
gens terríveis e suas práticas nojentas para todas as principais
cidades do mundo. O

to declarava ainda
duas horas depois
o complô fora es-
matizado, os após-
s haviam celebrado
grande sabá, no
um príncipe das le-
es infernais do de-
nio aparecera diante
es, esplendidamente
ornamentado e brilhan-
do com o fogo interior
de Hades. Nesse mo-
mento, os chamados
irmãos prostraram-se
diante desse impressio-
nante personagem e ju-
raram renunciar a todos
os ritos e sacramentos
da igreja cristã. Em tro-
ca da vassalagem deles,
o emissário de satã con-
feriu-lhes poderes pro-
digiosos, entre os quais
se incluía a capacidade

de transportar-se por magia para onde quisessem; o dom de fa-
lar com tal eloquência e aparente sabedoria que as pessoas se-
riam sempre levadas a escutá-los; a habilidade de disfarçar-se com
tal perícia que sempre pareceriam nativos dos lugares onde esti-
vessem; e o poder de ter as bolsas sempre cheias de ouro — pre-
sumivelmente mediante o conhecimento da alquimia.

O folheto confirmava que seis dos missionários haviam si-

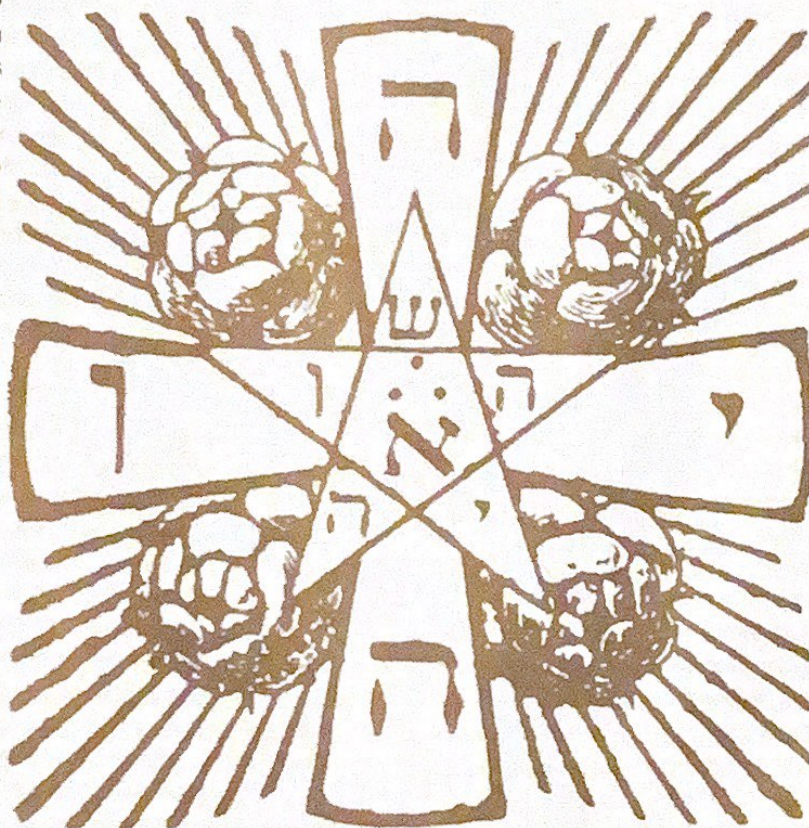
do transportados instantaneamente a Paris por meio de magia
e que, ao chegarem à cidade, haviam buscado seu esconderijo
no Marais, o barulhento bairro que era preferido tanto pelos pro-
testantes quanto por outros supostos malfetores.

Outro comentário, intitulado o *Mercure de France*, tenta-
va liquidar o problema pelo ridículo. O autor observava, mor-

daz, que a chegada dos
rosa-cruzes à cidade
criara pânico genera-
lizado, no qual pessoas
que em outras circuns-
tâncias eram razoáveis,
perderam os sentidos.
Alguns hoteleiros lo-
cais diziam ter registra-
do hóspedes estranhos
que desapareciam em
uma nuvem de fumaça
quando chegava a hora
de acertar as contas;
outros afirmaram que
seus hóspedes haviam
pago, mas com ouro
que se transformava em
ardósia vulgar assim
que o freguês virava as
costas. Vários cidadãos
inocentes acordaram no
meio da noite em suas
casas e depararam com
aparições pairando so-
bre eles; quando grita-

vam para pedir socorro, as figuras de sombras desapareciam. O
Mercure concluía, jocosamente, que não era surpreendente en-
contrar parisienses prudentes dormindo com mosquetes carre-
gados ao lado da cama e apedrejando os estranhos que se aven-
turassem em seus bairros.

Todos os panfletos anti-rosa-cruzes concordavam que
a tarefa de identificar os membros da fraternidade rosa-cruz



O emblema dos rosa-cruzes, com uma rosa sobre uma cruz, simbolizando Jesus e Maria, adorna o frontispício de *Summum Bonum*, um livro sobre o movimento publicado em 1629 pelo médico inglês Robert Fludd.

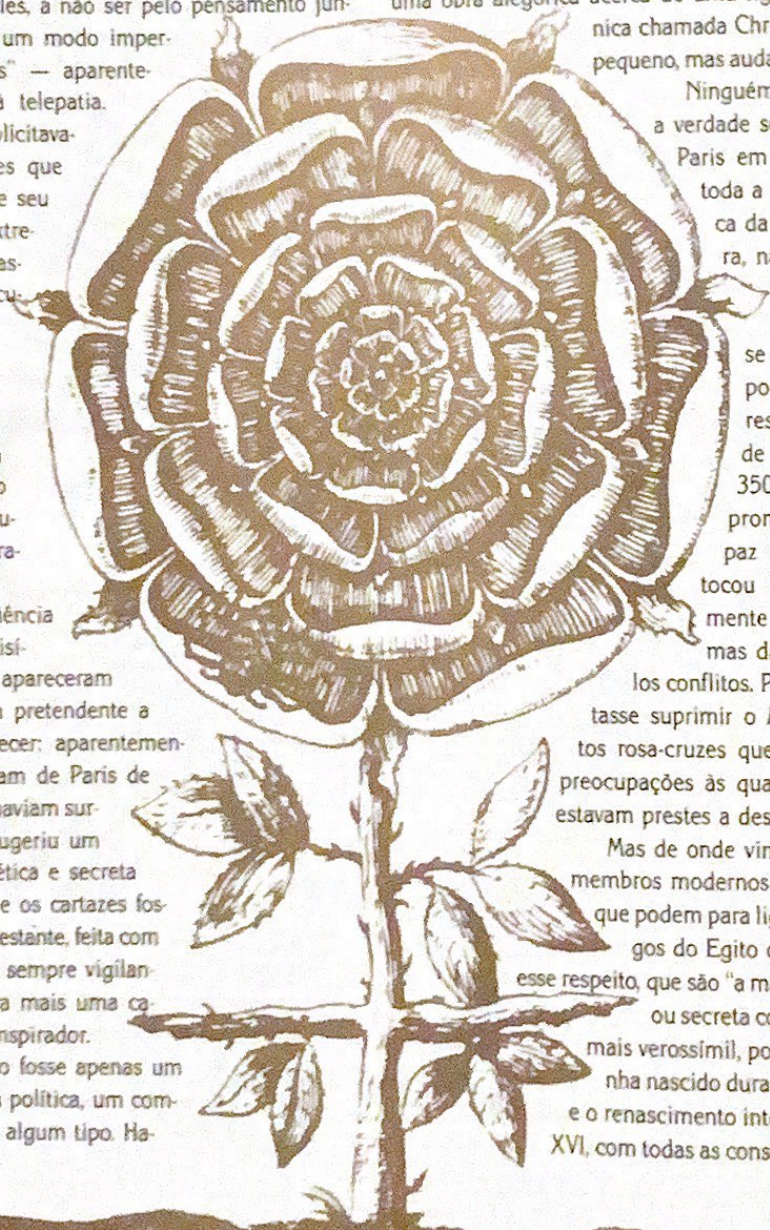
por sinais exteriores seria quase impossível. Tal como explicou o autor de um deles, os membros desse grupo misterioso "não podiam comunicar-se com as pessoas, nem as pessoas comunicar-se com eles, a não ser pelo pensamento junto à vontade, isto é, de um modo imperceptível para os sentidos" — aparentemente uma referência à telepatia. Nessas circunstâncias, solicitava-se a todos os parisienses que amassem o rei, a Igreja e seu Deus, que exercessem extrema vigilância e denunciasssem qualquer pessoa cujas idéias diferissem das estabelecidas. Por sua parte, a Igreja comprometia-se a interferir rapidamente se alguma pessoa fosse apanhada traficando com os rosa-cruzes e a puni-la como bruxa ou adoradora do demônio.

Talvez em consequência disso, nenhum dos "invisíveis" foi encontrado, não apareceram mais cartazes e nenhum pretendente a membro deu-se a conhecer: aparentemente, os rosa-cruzes sumiram de Paris de modo tão súbito quanto haviam surgido. Ou talvez, como sugeriu um céptico, a irmandade herética e secreta nem tivesse ido a Paris e os cartazes fossem uma brincadeira protestante, feita com a intenção de desviar os sempre vigilantes padres da igreja para mais uma caçada desenfreada ao conspirador. Ou era possível que tudo fosse apenas um disfarce para uma intriga política, um complotô inglês ou alemão de algum tipo. Ha-

via até mesmo a possibilidade de que os cartazes fossem simplesmente uma trama de um livreiro esperto para despertar o interesse em um panfleto novo intitulado *Fama Fraternitatis*, uma obra alegórica acerca de uma figura estranha e messiânica chamada Christian Rosenkruz e seu pequeno, mas audaz, grupo de seguidores.

Ninguém, aparentemente, sabia a verdade sobre os rosa-cruzes em Paris em 1623. E, a julgar por toda a excitada confusão acerca da irmandade na Inglaterra, na Itália, nos Países Baixos e na Alemanha, havia poucos europeus, se é que havia algum, que podiam afirmar saber as respostas. Tudo o que pode ser dito com certeza, 350 anos depois, é que as promessas rosa-cruzes de paz e sabedoria universais tocou algum ponto extremamente sensível de muitas almas da Europa dilacerada pelos conflitos. Por mais que a Igreja tentasse suprimir o *Fama* e outros manifestos rosa-cruzes que logo lhe seguiram, as preocupações às quais eles se dirigiam não estavam prestes a desaparecer.

Mas de onde vinham os rosa-cruzes? Os membros modernos do movimento fazem o que podem para ligar suas origens aos antigos do Egito ou da Índia e afirmam, a esse respeito, que são "a mais antiga ordem fraternal ou secreta conhecida pelo homem". É mais verossímil, porém, que a irmandade tenha nascido durante a Reforma protestante e o renascimento intelectual dos séculos XV e XVI, com todas as conseqüentes tensões entre as



novas filosofias e a teologia encastelada.

Para começar, o que significa o nome da ordem? Será que rosa-cruz derivava de Christian Rosenkruz, o herói do *Fama Fraternitatis*? De maneira bastante conveniente, o nome Rosenkruz quer de fato dizer rosa-cruz em alemão, mas é igualmente possível que o nome seja um pseudônimo derivado da irmandade, e não o contrário. Afinal de contas, a união da rosa e da cruz é um simbolismo familiar. Na simbologia cristã, os dois símbolos são usados com frequência para representar a Virgem Maria e Jesus; uma oração inspirada na anti-

ga *Litania de Loreto* fala da rosa como a "flor da cruz, puro ventre que floresce (...) Sobre todas as flores e as chamas (...) Rosa Sagrada (...) Maria".

Na interpretação secular moderna, o psicólogo Carl Jung considerou a rosa como um símbolo profundo do inconsciente humano, um ventre materno, e ligou a cruz ao desejo íntimo da humanidade de encontrar padrões quádruplos para a maior parte das coisas. A cruz aparece em diversas mitologias em todo o mundo e para os cristãos ela é igualada ao sofrimento e ao sacrifício.

Também pode-se afirmar que os fundadores da irmandade, por terem uma visão altamente protestante das coisas, escolheram a rosa e a cruz porque esses símbolos apareciam no escudo de armas de Martinho Lutero. Por outro lado, há os que sustentam que o nome vem da alquimia, que a ordem, sabidamente, estudava — *ros* em latim é "orvalho", e este era considerado como um elemento essencial na transmutação de metais comuns em ouro, e *crux* é o símbolo alquímico da luz, bem como o sinal que indica os quatro elementos.

Com tantas conjecturas e controvérsias acerca do nome da



ordem, não é de se estranhar que ao longo dos séculos os rosa-cruzes — ou os que afirmam ser seus seguidores espirituais — tenham tido, eles mesmos, dificuldades para chegar a um consenso a respeito das origens do ritual e do dogma da irmandade. Com efeito, parece que muitos entre eles dedicaram-se deliberadamente a criar uma nova mitologia e história antiga, seja na esperança de que seria assim se assim o desejassem, seja como uma tentativa de desacreditar algum grupo concorrente, que sem dúvida os rosa-cruzes têm de sobra.

Qualquer estudo dessa intrigantíssima organização secreta deve começar com uma leitura do *Fama Fraternitatis*, o primeiro documento que, de modo claro e sem ambigüidades, menciona a irmandade pelo nome e pretende contar a história da sua fundação. Escrito em alemão, o panfleto era parte de um tratado protestante mais amplo, que em sua primeira tradução para o inglês foi intitulado *The Universal and General Reformation of the Whole Wide World; Together with the Fama Fraternitatis of the Laudable Fraternity of the Rosy Cross, Written to All the Learned and the Rulers of Europe (A Reforma Universal e Geral de Todo o Amplo Mundo; Juntamente com o Fama Fraternitatis da Louvável Fraternidade Rosa-Cruz, Escrito para Todos os Eruditos e Soberanos da Europa)*. É provável que o manuscrito alemão tenha começado a circular por volta de 1610 e a obra foi subseqüentemente traduzida para diversas línguas. A primeira edição impressa apareceu em 1614 na cidade de Kassel, no oeste da Alemanha.

Os leitores que desejassem se juntar à reforma do mundo eram convidados a "abandonar o velho rumo, avaliando o papismo, Aristóteles, Galeno, e tudo aquilo que tem apenas a mera aparência de erudição". O autor afirmava que ninguém

Semelhanças entre os ideais rosa-cruzes e os da Reforma são sugeridas pelo escudo de armas de Martinho Lutero (acima). Concebido por volta de 1524, o escudo traz uma rosa de cinco pétalas em volta da cruz.

podia solicitar a admissão diretamente, mas que os pretendentes poderiam "falar seja por sua própria boca, ou então (...) por escrito. E isto dizemos em verdade, que aquele que sinceramente, e de coração, tenha afeição por nós" seria notado pela fraternidade. "E isso será benéfico para ele em bens, corpo e alma."

Para que ninguém ficasse pensando que os benefícios podiam incluir aulas de alquimia prática, o autor declarava, na linguagem mais clara de que era capaz, que "no tocante aos ímpios e amaldiçoados fazedores de ouro nós portanto pelo presente publicamente atestamos que os verdadeiros filósofos têm de longe outra idéia, pouco estimando a fabricação de ouro, que não passa de uma atividade subsidiária; pois, além disso, têm mil coisas melhores". Dito de outro modo, os rosa-cruzes sabiam muito bem como transformar metais comuns em ouro, ou como fazer elixires medicinais e podiam fazer qualquer dessas coisas quando lhes aprouvesse, mas sua alquimia mais forte era reservada para outro propósito mais louvável: a transmutação do intelecto mortal ordinário em sabedoria espiritual e filosófica.



ama prosseguia relatando a vida e a morte de Christian Rosenkreuz, o pretense fundador e farol da irmandade rosa-cruz. Segundo o *Fama*, Rosenkreuz nasceu em 1378 em algum lugar da Alemanha, em uma família nobre, mas empobrecida. Incapazes de cuidar dele, os pais de Christian puseram-no em um monastério pouco antes que ele completasse cinco anos. Após aprender "indiferentemente as línguas grega e latina", continuava o *Fama*, o jovem Christian iniciou, na companhia de um monge, uma peregrinação à Terra Santa. O monge, infelizmente, morreu durante uma parada em Chipre. Porém, o rapaz decidido, contava o *Fama*, "despachou-se por barco para Damasco", onde ficou por algum tempo.

Aparentemente, Rosenkreuz demonstrou ter grandes habilidades naturais para a medicina e a cura, que atraíram para sua pessoa a atenção dos homens mais sábios da cidade. Ele, por sua vez, achou inspirador o conhecimento que eles tinham das ciências, da matemática e de outras questões arcanas. Nesse momento, o rapaz deixou de lado seu itinerário

original, e decidiu buscar a sabedoria da Arábia na fonte. Os sábios de Damasco encaminharam-no para uma cidade chamada Damcar — um lugar que nunca foi identificado e que muitos supõem ser mítico. Em Damcar, relata o *Fama*, os eruditos "para os quais a Natureza estava descoberta" receberam o menino precoce "não como um estranho, mas como alguém que há muito esperavam; chamaram-no pelo nome e mostraram-lhe muitos segredos" — entre esses matemática, física, alquimia e um documento a que o *Fama* se refere como o *Livro M*. Diz-se que este último tesouro, cujo nome completo muitos crêem ser *Livro Mundi*, contém todos os segredos do universo. O jovem Rosenkreuz decidiu traduzir essa obra prodigiosa para o latim, para que pudesse compartilhá-la com outros quando voltasse à Europa.

Após três anos em Damcar, Rosenkreuz viajou para o Egito, onde estudou história natural e, presume-se, os escritos atribuídos a Hermes Trismegisto, o legendário sábio do antigo Egito. Depois disso, o jovem viajou para Fez, no Marrocos, onde foi apresentado à magia e às interpretações das Escrituras baseadas no sistema místico medieval judeu conhecido como cabala. Rosenkreuz maravilhou-se com a facilidade com a qual árabes e africanos trocavam novas idéias entre eles e corrigiam as antigas, com o único propósito de avançar o estado geral do conhecimento para o bem da humanidade. E muito embora tenha ficado perturbado com a "impureza" da magia praticada em Fez, dizia o *Fama*, ele foi capaz de ver maneiras para usá-la no avanço de sua própria fé cristã.

O *Fama* relatava que Rosenkreuz finalmente voltou à Europa pela Espanha, ansioso para compartilhar seus novos conhecimentos. Em sua inocência, ele achava que os eruditos daquele país ficariam felizes por poderem corrigir seus conhecimentos equivocados, seus procedimentos enganosos e sua filosofia moral extraviada. Em vez disso, dizia o *Fama*, o jovem estudioso foi recebido com ridículo e hostilidade: "Era para eles motivo de risadas e como o assunto era novo para eles, temeram que seu grande nome fosse diminuído, se fossem agora começar a aprender de novo e a reconhecer seus erros de muitos anos." Rosenkreuz seguiu em frente, mas descobriu que os sábios de outras nações não estavam mais abertos à

sabedoria árabe do que os espanhóis — embora alguns deles demonstrassem um ávido interesse por seus conhecimentos de alquimia, os quais, é claro, ele negou-se a compartilhar com eles.



esanimado, Christian Rosenkruz voltou para a Alemanha para meditar sobre a tolice de seus irmãos homens. Após vários anos de reflexão, concluiu que o mundo ainda não estava preparado para sua grandiosa reforma moral e intelectual. Contudo, em vez de deixar que toda a sabedoria científica e espiritual que ele colheira ficasse perdida para sempre, determinou-se a guardá-la por escrito em livros que seriam mantidos em segredo até a aurora de uma era mais auspiciosa. Com tanto trabalho a fazer, ele convidou três confrades do monastério de sua infância para serem seus assistentes; desse modo, Christian Rosenkruz e seus colegas formaram uma nova ordem semimonástica, a dos irmãos da rosa-cruz, ou rosa-cruzes, com o único propósito, declara o autor, de mostrar o caminho aos demais.

O trabalho avançava com lentidão, pois havia muitas outras coisas ocupando o tempo dos rosa-cruzes. As técnicas médicas que o padre Christian, como o chamavam agora, havia ensinado a seus irmãos, ficaram tão famosas em toda a Alemanha que os doentes clamavam às portas dos rosa-cruzes. Também havia construções a serem feitas: o padre Christian decidira construir um grande templo, o *Domus Sanctus Spiritus*, ou *Lar do Espírito Santo*, que seria o lar espiritual da ordem. Com o tempo, os irmãos decidiram iniciar outros quatro monges em sua ordem e juntos eles completaram o ambicioso plano do padre Christian, produzindo uma biblioteca completa de artes e ciências.

Quando o trabalho terminou, sem outros motivos para permanecerem juntos, os rosa-cruzes resolveram separar-se e levar seus conhecimentos médicos a todos os cantos da terra. Antes de despedir-se, concordaram em seis regras básicas que os manteriam unidos para sempre: em primeiro lugar, nenhum deles exerceria qualquer profissão mundana além da medicina e seus serviços médicos deveriam ser fornecidos gratuitamente. Em segundo lugar, eles nunca adotariam hábitos de monge, como as outras ordens, mas em vez disso segui-

riam os costumes do lugar em que estivessem, para não chamar a atenção. Terceira, iriam reunir-se no *Sanctus Spiritus* uma vez por ano no "Dia de C" (alguns historiadores especulam que esse dia pode ser o da festa cristã de *Corpus Christi*, que ocorre na quinta-feira seguinte ao oitavo domingo após a Páscoa), para compartilhar as novas informações e renovar a irmandade.

A quarta regra estabelecia que cada irmão escolheria um sucessor digno, ao qual transmitiria toda sua sabedoria acumulada antes de morrer, para perpetuar a missão da ordem na Terra. Em quinto lugar, as iniciais RC — provavelmente de *Rosae Crucis*, em latim — seriam usadas como o selo, a senha e a mais preciosa preocupação da irmandade. (Seriam também usadas como uma abreviatura do nome de Christian Rosenkruz.) E, por último, a existência da ordem rosa-cruz e de seus conhecimentos especiais deveria ser sempre um segredo cuidadosamente guardado até que os irmãos recebessem um sinal para divulgá-lo.

Segundo o *Fama Fraternitatis*, os irmãos e seus sucessores escolhidos cumpriram seu mandato ano após ano, década após década, gozando de grande prestígio como curadores de males (diz-se que um deles curou a lepra do jovem duque de Norfolk, na Inglaterra), enquanto, em silêncio, preparavam o terreno para a reforma moral que viria. Então, em 1484, diz o relato, o padre Christian morreu, aos 106 anos, "não oprimido por alguma doença, que não sentia em si mesmo e não permitia que atacasse outros, mas convocado pelo Espírito de Deus". Foi enterrado por dois discípulos de confiança, que juraram manter em segredo o lugar de seu descanso final pelo resto de suas vidas.

Seguiu-se um século ou mais de paz e renovação para a ordem secreta. Então, em 1604, vários irmãos, inclusive o autor do *Fama*, estavam dedicando-se a um projeto de construção em um local secreto, muito provavelmente na Alemanha, quando depararam com uma tumba misteriosa. A tumba, que se encontrava atrás de uma porta disfarçada, tinha uma inscrição em latim que dizia, "após 120 anos eu reaparecerei". Quando entraram na tumba os irmãos descobriram um altar que ficava no meio de uma abóbada de sete lados,



Esta gravura do século XVII de um templo mítico de rosa-cruz detenta várias imagens simbólicas.

cada um dos lados dividido em muitos outros compartimentos. Embora não fosse possível que a luz do sol chegasse até o interior da tumba, ela resplandecia por inteiro, com uma luz fulgurante.

Quando os irmãos rosa-cruzes examinaram os compartimentos, encontraram exemplares de todos os livros da ordem, inclusive um exemplar do *Vocabularium* de Paracelso, o famoso médico e alquimista suíço; a biografia do padre Christian; e espelhos de "diversas virtudes, como também pequenos sinos, lâmpadas acesas e principalmente canções maravilhosas". Os irmãos concluíram que haviam encontrado o lugar de descanso do fundador de sua ordem.

A presença de um livro de Paracelso não provocou, aparentemente, qualquer comentário particular entre os descobridores, mas causou grande estranheza entre os estudiosos subseqüentes da seita rosa-cruz, pois Paracelso, uma figura pitoresca cujo nome verdadeiro era Theophrastus Bombast von Hohenheim, nem havia nascido ainda, o que só veio a acontecer quase uma década depois que Christian Rosenkreuz foi supostamente enterrado, em 1493.

Tudo parecia ter sido disposto providencialmente, de maneira que, se a ordem viesse a desaparecer, pudesse ser reconstituída a partir dos tesouros deixados na tumba. Os irmãos remo-

veram o altar e, como está no *Fama*, debaixo dele encontraram "o cadáver imaculado e digno, completo e preservado" de Christian Rosenkreuz. Mesmo na morte, segurava com firmeza um exemplar em letras de ouro do *Livro T* — que o *Fama* descrevia como "nosso maior tesouro depois da Bíblia", embora estudiosos posteriores tenham concluído que tal obra não passava de um produto da imaginação do autor.

Certos de terem feito o que o padre Christian desejara 120 anos antes, os irmãos fecharam a porta da abóbada e selaram-na, sabendo que chegara o momento de sair à luz com sua mensagem de renovação moral mundial e de abrir as fileiras da ordem para um maior número de membros.



al começara a circulação do *Fama* nos meios eruditos protestantes quando apareceram duas outras obras, breves mas igualmente sensacionais, sobre a filosofia rosa-cruz. A primeira delas, chamada de *Confessio Fraternitatis Rosae*

Crucis, apareceu em 1615. Escrito em latim, o texto repetia, na essência, a mensagem do *Fama*, só que de maneira mais ardente e explícita. Trazia também alguns detalhes adicionais sobre seus membros — inclusive o fato de que a ordem rosa-cruz estava aberta para pessoas de valor de todas as classes sociais. Além disso, o tratado proclamava a fé cristã fun-

As Visões de Jakob Boehme

A difusão da rosa-cruz na Alemanha pode ter ganhado ímpeto no século XVII com um sapateiro de Görlitz, Jakob Boehme. Segundo consta, Boehme teve sua primeira "iluminação" em 1600, aos 25 anos, contemplando os reflexos de luz em um prato de peltre. A revelação levou-o a trocar seu ofício pelos estudos místicos. Em 1612 publicou sua primeira obra, *Aurora*, que procurava explicar mistérios como o mal, o livre-arbítrio e a predestinação. Não deixou de ser luterano devoto e parece que não foi rosa-cruz, mas tornou-se um dos principais místicos alemães, produzindo mais de trinta livros sobre Deus, o homem e a natureza.

Os estudiosos vêem muitos ecos do misticismo alemão no pensamento rosa-cruz. O *Aurora*, por exemplo, prometia "um novo alvorecer de revelação", tal como os manifestos rosa-cruzes que apareceram na Alemanha nessa mesma época.



O olho de Deus, que tudo vê (esquerda), aparece na página de abertura do *Aurora*, de Jakob Boehme. O ex-sapateiro (acima) foi rotulado de herege quando o livro saiu. Mas ao morrer, em 1624, ele se tornou um filósofo respeitado.

Os historiadores especulam que a união, em 1613, entre Frederico V, que logo seria rei da Boêmia, e Elizabeth da Inglaterra (à direita) pode ter inspirado *O Matrimônio Químico*, uma das obras fundamentais do movimento rosa-cruz. Na alquimia, matrimônio significava uma liga preciosa de ouro e prata; diz-se que o régio casal iniciou uma breve idade de ouro da cultura rosa-cruz, que terminou com a queda de Frederico V em 1620.



damental da irmandade, juntamente com a condenação do papa, de Maomé, dos "falsos alquimistas" e daqueles que não eram capazes de aceitar a nova ciência.

De maneira talvez mais significativa, o *Confessio* fazia alusão a certos sinais que haviam aparecido recentemente no "grande livro da natureza". Os sinais alegados eram novas estrelas nas constelações da Serpente e do Cisne. O astrônomo tcheco Johannes Kepler havia descoberto as estrelas em 1604, o mesmo ano em que a tumba de Christian Rosenkreuz fora revelada e a *Confessio* via nelas os heraldos da era que se aproximava, quando "o Mundo despertara de seu sono pesado e entorpecido e, com o coração aberto, a cabeça descoberta e os pés descalços, receberá com alegria e felicidade o novo sol que se levanta".

O terceiro e último livro da trilogia rosa-cruz, *O Matrimônio Químico de Christian Rosenkreuz*, apareceu um ano depois, em Estrasburgo. Descrevendo a si mesmo como um romance "hermético" ou mágico, esse breve volume contava uma fantástica história de aventuras, nas quais Rosenkreuz, já de idade avançada, fora convidado a assistir a um casamento de uma realeza mítica. As bodas parecem ter sido de fato adaptadas livremente do casamento, em 1613, do jovem que logo se tornaria o rei Frederico V, da Boêmia, com a princesa Elizabeth, filha mais velha de Jaime I da Inglaterra — um evento de grande importância política em toda a Europa protestante. Qualquer que fosse o caso, a história estava repleta de ricos detalhes alegóricos, além de símbolos cosmológicos, alquímicos, astrológicos, mágicos e cavaleirescos. Estes últimos elementos parecem ter sido a principal preocupação do autor.

No início da alegoria, Rosenkreuz prepara-se para a comemoração. Enfrenta todo tipo de testes, provações e estranhos ritos iniciáticos, mas triunfa sobre todos, no que pode ser visto como uma progressão espiritual. Finalmente, chega

a seu destino e é recebido como convidado de honra. Recebe a Ordem da Pedra Dourada, uma aparente referência à legendaria pedra filosofal, por meio da qual substâncias comuns podiam ser transformadas em ouro e prata. Da mesma forma que nas publicações anteriores, o autor faz um grande esforço para demonstrar que a meta de Rosenkreuz, bem como dos demais receptores da Pedra Dourada, era a transmutação do espírito, e não o tipo mais grosseiro de alquimia.



al como as demais obras rosa-cruzes, o *Matrimônio Químico* foi publicado anonimamente. Ao contrário do *Fama* e da *Confessio*, contudo, a autoria desse texto acabou sendo reivindicada por um certo Johann Valentin Andrea.

Esse homem altamente culto estudou na Universidade de Tübingen, na Alemanha, na primeira década do século XVII, e era bem versado em matemática, óptica, astronomia e filosofia. Conhecia também, integralmente, os escritos dos eruditos hebraicos e árabes, os escritores humanistas dos séculos XIV e XV, os escritores mais recentes da Reforma Protestante e as obras de John Dee, o proeminente mago-cientista da Inglaterra elisabetana. Além disso, Andrea conhecia também os escritos dos herméticos egípcios, dos místicos cristãos e dos cabalistas, em grande parte devido a sua associação com um pequeno círculo de visio-

nários que se tinha reunido em torno ao brilhante professor de direito de Tübingen, Christoph Besold.

Os historiadores teorizam que foi com base nas sessões mais fascinantes com Besold e seus protegidos que Andrea concebeu a idéia de escrever o *Matrimônio*. No entanto, quais eram exatamente as intenções dele ao escrevê-lo, ou que papel ele e os demais podem ter tido na autoria do *Fama* e da *Confessio*, ainda não está claro. Quando Andrea finalmente admitiu a autoria do *Matrimônio Químico*, já era um respeitado e ortodoxo membro do clero luterano, conhecido como opositor dos rosa-cruzes. Ele esforçou-se ao máximo para distanciar-se da obra, chamando-a de sátira ideada em sua juventude treloucada. Em nenhum momento, nem ele, nem seus amigos de Tübingen anunciaram qualquer ligação com a autoria dos outros dois manifestos.

Apesar disso, a maioria dos historiadores acredita que Andrea foi o autor dos três documentos rosa-cruzes, com forte assistência de Besold e dos outros. Os estudiosos da rosa-cruz acreditam que as obras foram produzidas com base em um sincero desejo utópico de promover precisamente aquela reforma geral do mundo descrita nos textos.

Além disso, o clima social e intelectual na Alemanha no início do século XVII era tal que um grupo de jovens liberais pode muito bem ter se devotado a uma causa nobre e sincera

como essa. O século precedente, incendiado pelos conflitos da Reforma e da Contra-Reforma e pelas incessantes manobras políticas de príncipes menores, havia deixado a Europa muito distante da unidade, da paz ou da prosperidade.

Qualquer que seja a verdade, o aparecimento dos três opúsculos foi causa de muita exaltação e de debate ardente. Armados com os folhetos visionários, pretensos rosa-cruzes assediavam os homens mais eruditos que conheciam, talvez na esperança de alcançar uma certa credibilidade pela associação. E, quase inevitavelmente,

charlatães começaram a vender para os crédulos supostos materiais rosa-cruzes, tais como segredos alquímicos e pedaços da pedra filosofal, por grandes somas em dinheiro.

Uma vítima notavelmente tola, um holandês chamado Ludovicus Orvius, pagou a um vigarista uma taxa de iniciação equivalente a mil dólares em 1622, e o homem desapareceu sem ter divulgado uma única nota dos "segredos da natureza". E um nobre francês, Henri, duque de Bouillon, abriu completamente a bolsa quando um auto-proclamado rosa-cruz revelou o que disse ser os segredos da confecção de ouro. Sob os olhos do duque, o farsante misturou algumas onças de litargírio (óxido amarelo de chumbo) com uma pequena quantidade de algo que ele chamou de "pó de transmutação" rosa-cruz especial — na verdade um pó vermelho inerte ao qual ele juntara secretamen-



O estudioso alemão Johann Valentin Andrea (acima) admitiu ter escrito *O Matrimônio Químico* na juventude. Pode ser que tenha escrito também outras das primeiras obras rosa-cruzes.



te alguns grãos de ouro real. Então, esquentou a mistura, desempenhou uma série adequada de abracadabras e ergueu uma pequena pepita do precioso metal amarelo. Compreensivelmente estonteado com as possibilidades, o duque insistiu em comprar até o último grama disponível do pó miraculoso na sacola do adepto e deu um grande adiantamento por outra encomenda que seria entregue posteriormente. Assim que o impostor foi embora com não menos de 20 mil coroas no bolso, o duque descobriu que fora logrado: a caríssima coisa vermelha que possuía não passava de poeira sem valor.

Enquanto alguns faziam o que podiam para dar a impressão de pertencerem à ordem supersecreta — em especial se isso rendesse algum dinheiro — outros eram igualmente diligentes para demonstrar que não tinham qualquer conexão com ela, sem dúvida em virtude de seus matizes heréticos e das práticas duvidosas de alguns de seus pretensos membros. Uma figura de destaque que teve dificuldade para convencer o mundo de que não era um rosa-cruz foi René Descartes. O jovem sábio francês ouviu falar dos rosa-cruzes pela primeira vez durante uma permanência na Alemanha, no inverno de 1619-1620. Na época

Nesta ilustração de um manuscrito de 1598, chamado Splendor Solis, a alma renasce através da alquimia espiritual, tema central do pensamento rosa-cruz. Usando os símbolos da alquimia física, que procurava transformar materiais vis em ouro, o artista mostra um homem que emerge da lama ao entrar no primeiro estágio da transformação. A rainha em branco representa o segundo estágio, e a cabeça vermelha do homem é a transmutação final.

Alguns rosa-cruzes modernos reverenciam o filósofo inglês Francis Bacon (abaixo) como um de seus patronos fundadores. Os escritos de Bacon coincidem às vezes com os ideais da irmandade, mas não há provas de que ele fosse membro dela.



ca, Descartes estava apenas começando a formular sua teoria de que as leis da natureza se baseiam em determinados sistemas mecânicos. Portanto, ficou previsivelmente intrigado pelos rumores acerca de uma sociedade de homens que prometia um novo tipo de sabedoria e "uma verdadeira ciência", tal como ele disse, baseada na salutar união da "teologia, da física e da matemática".

É evidente que Descartes se esforçou por entrar em contato com os irmãos rosa-cruzes. Como todos os outros, porém, ele fracassou. Depois de vários meses de busca infrutífera, concluiu que a história toda era um embuste elaborado. Ficou, portanto, muito espantado ao descobrir, quando regressou a Paris em 1623, que a cidade se encontrava no meio de um tumulto rosa-cruz — e que corriam boatos de que ele próprio era um dos "invisíveis". Tal era o clamor, com efeito, que ele começou a temer pela própria segurança, especialmente levando em conta as terríveis injunções da Igreja contra a seita. O filósofo, naturalmente solitário, fez a única coisa que lhe ocorreu para limpar seu nome. Tal como explicou um biógrafo contemporâneo, "ele tornou-se visível para todo o mundo e particularmente para seus amigos", e isso parece ter acabado com os boatos.

O *Matrimônio Químico* foi o último comunicado direto da fraternidade rosa-cruz por um século ou mais. Nas décadas que se seguiram, porém, numerosos homens destacados que não eram irmãos da rosa-cruz — ou pelo menos isso afirmavam — continuaram oferecendo argumentos persuasivos em defesa da ordem. Entre os mais influentes desses homens estavam Michael Maier e Robert Fludd.

Maier era alemão, nativo da província de Holstein, no norte do país, médico formado e estava muito atraído pela obra de Paracelso. Iconoclasta brilhante, ainda que um tanto instável, Pa-

racelso tinha uma inclinação decididamente metafísica e seu interesse pela alquimia levou-o a descobertas práticas que o transformaram no mais destacado farmacologista de sua época. Maier tinha opiniões igualmente místicas, e interesses abrangentes em filosofia e nas ciências naturais. Atraiu a atenção do imperador Rodolfo II da Hungria, que o levou a Praga como seu médico e secretário particular. Rodolfo tinha paixão pela alquimia e sua corte era ponto de encontro de todos os grandes adeptos desse conhecimento na Europa. Quando ele morreu foi dito que seu tesouro con-

tinha o equivalente a 84 alqueires de ouro e 60 alqueires de prata, tudo isso supostamente produzido por seus alquimistas.

Maier parece ter pego a febre, pois assim que chegou a Praga começou a dedicar-se quase inteiramente à pesquisa com o objetivo de descobrir a pedra filosofal — não, dizia ele, com o propósito de fazer ouro, mas pelas possibilidades químicas e filosóficas que ela oferecia. Logo depois que Rodolfo morreu, em 1612, Maier conseguiu ser nomeado para a corte de Maurício, *landgrave* de Hesse, em Kassel, onde os primeiros manifestos rosa-cruzes estavam em processo de publicação. Não se sabe se Maier, que era luterano, começou a ficar interessado nos irmãos da rosa-cruz em Kassel. Em 1615, contudo, quando ele viajou para a Inglaterra e encontrou-se com Robert Fludd, outro médico da tradição paracelsiana, tanto ele como Fludd tinham pleno conhecimento dos rosa-cruzes. Os dois médicos também pareciam estar engajados na promoção da irmandade, embora aparentemente eles mesmos não fossem membros.

Ao voltar para Kassel, Maier publicou *Silentium Post Clamores* (*O Silêncio Após o Clamor*), no qual argumentava que o *Fama* e a *Confessio* eram obras sinceras que todos os homens de boa vontade deviam levar a sério. Explicou que a altaneira posição dos irmãos em não responder aos pretendentes era uma

Vigoroso defensor da rosa-cruz na Alemanha, onde nasceu, o médico e alquimista Michael Maier (direita) reforçou os laços entre a alquimia e o movimento. Também aprendeu sobre o pensamento esotérico inglês através de suas relações com o médico filósofo Fludd.



indicação dos rigorosos padrões estabelecidos pela ordem. Os que desejassem entrar para a irmandade deviam passar por um período de cinco anos de observação secreta antes de saber se eram considerados aceitáveis, teste que, observou Maier, não era muito diferente do período de espera imposto por grupos secretos dos tempos antigos tais como os orfistas, os pitagóricos e os discípulos de Ísis e Osíris.

Maier presumia que a maioria dos candidatos seria julgada indigna, e que os admitidos deveriam jurar segredo. Assim, raciocinava, não havia meios de avaliar o número de membros — e a qualidade destes — a não ser fazendo parte do grupo. Quanto aos símbolos da ordem, a rosa e a cruz, Maier achava que deviam ser vistos como receitas para a vida: os que desejassem entender a rosa (sabedoria infinita) deveriam primeiramente aceitar as disciplinas da cruz (uma série de proações). Acrescentou, de modo um tanto apologético, que desejava que os propósitos dos rosa-cruzes pudessem ser expressos de maneira um pouco mais direta, pois ele também os achava um pouco obscuros.



Um ano depois, Maier parecia ter adquirido um melhor entendimento da rosa-cruz, pois escreveu uma série de comentários ampliados, intitulados *Themis Aurea*, sobre as seis regras da sociedade, tal como eram colocadas no *Fama*. Argumentou que as pessoas que quisessem formar sua própria opinião a respeito dos rosa-cruzes deveriam ter cuidado em distinguir entre a multidão de impostores e os poucos verdadeiros adeptos de “incrível virtude”, os únicos que detinham os segredos da “magia natural”, da “perfeição em todas as artes” e da “anatomia e idéia do universo inteiro”.

Como se estivesse falando por experiência pessoal, Maier fez diversas alusões a pessoas e lugares ligados à irmandade, que “basta para instruir o leitor inteligente, mas confundirão ainda mais o ignorante”. O leitor inteligente que conhecesse os círculos frequentados por Maier poderia ter ligado suas referências vagas a uma cidade ribeirinha com um templo de Sanctus Spiritus à cidade de Heidelberg, embora não existam sinais concretos de qualquer atividade rosa-cruz nessa cidade, naquela época.

Entusiasmando-se, Maier publicou dois livros em defesa dos irmãos rosa-cruzes em 1618. O primeiro, *Viatorum*, obra alegórica dedicada à alquimia filosófica e à transmutação espiritual, desenvolvia temas introduzidos no *Matrimônio Químico* de Andrea. O segundo, intitulado, *Atalanta Fugiens*, era uma coletânea de símbolos intrincados, acompanhada de comentários filosóficos sobre os caminhos corretos para a verdade religiosa, alquímica e moral.

Enquanto isso, o inglês Robert Fludd, médico um tanto excêntrico formado em Oxford e sucessor filosófico de John Dee, estava trabalhando com o mesmo afincamento que Maier para promover a irmandade rosa-cruz entre seus conterrâneos. Fludd pode ter ficado conhecendo as idéias rosa-cruzes mais ou menos na mesma época em que conheceu Maier na Inglaterra, ou talvez até antes, durante a viagem de seis anos que fez pela Europa. Não é de estranhar que Fludd tenha se sentido atraído pela doutrina da ordem, pois há muito tempo ele era um devoto estudioso da filosofia hermética, da cabala, de alquimia e de teorias médicas paracelsianas. Seja como for, ele estava envolvido o bastante com a causa rosa-cruz — e irritado com seus críticos — para escrever em 1616 uma réplica, triunfantemente intitulada *Uma Apologia Compendiosa da Fraternidade da Rosa-Cruz, Atingida pela Lama da Suspeita e da Infâmia, mas Agora Lavada e Purgada como pelas Águas da Verdade*.

Na *Apologia*, Fludd descrevia os irmãos rosa-cruzes como verdadeiros cristãos e descendentes espirituais de Hermes Trismegisto. Declarava ser um discípulo sem ser membro e considera-

A pedra filosofal, que transforma metais vis em ouro, aparece por toda parte na natureza, nesta ilustração de um tratado sobre a alquimia espiritual escrito em 1618 por Michael Maier. Para os rosa-cruzes, a procura da mítica pedra simbolizava a busca do renascimento espiritual.



va possível que não houvesse nenhuma organização rosa-cruz formal; uma comunidade de mentes que compartilhavam das mesmas metas espirituais e filosóficas, na opinião dele, era o bastante para constituir um movimento. "Afirmo que cada Teólogo da Igreja Mística é um verdadeiro Irmão Rosa-Cruz."

Um ano depois, Fludd deu continuidade a seu trabalho com mais um volume, no qual fazia a distinção entre a magia boa e a má. Os rosa-cruzes, assegurava a seus leitores, praticavam apenas a magia boa, ao mesmo tempo matemática e mecânica, juntamente com a magia da cabala, dedicada a invocar os nomes dos anjos. Prosseguia fazendo uma resenha do estado corrente das artes e das ciências e concluía que eram insuficientes. Nisso Fludd ecoava as queixas anteriores de John Dee e do filósofo Francis Bacon, cujos nomes foram associados com freqüência, ainda que circunstancialmente, à

rosa-cruz. Fludd escolheu para uma ampla reforma o domínio das ciências matemáticas, inclusive a geometria, a aritmética, a álgebra e a óptica, e prosseguiu expressando uma espécie de sonho rosa-cruz de que a ética, a política, o direito, a teologia e a economia da humanidade pudessem ser submetidos ao escrutínio das pessoas virtuosas e finalmente tomados mais harmoniosos.

Segundo seu próprio testemunho, Fludd nunca recebeu uma comunicação direta de qualquer irmão rosa-cruz e quando ele morreu, em 1637, teve-se a impressão de que a rosa-cruz morreria com ele. O interesse pelo movimento estava diminuindo; além disso, começavam a surgir outros movimentos intelectuais e filosóficos mais novos, que estavam mais na moda, tanto na Inglaterra quanto no continente europeu. Contudo, já se disse, com alguma justiça, que as novas sociedades, entre elas a maçônica e as irmandades científicas



A Criação Segundo um Alquimista

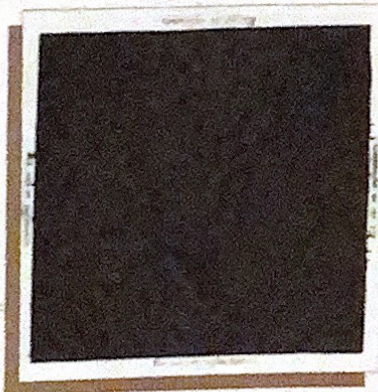
Atacados pelos críticos, os rosa-cruzes do século XVII encontraram um defensor empenhado em Robert Fludd, médico formado em Oxford e alquimista (acima). De modo independente, Fludd havia aparentemente desenvolvido teorias sobre o homem e a natureza semelhantes às dos rosa-cruzes. Sua maciça obra, *História do Macrocosmo e do Microcosmo* buscava a unidade entre o universo macrocósmico e o mundo microcósmico.

do indivíduo — unidade em cuja existência a irmandade também acreditava.

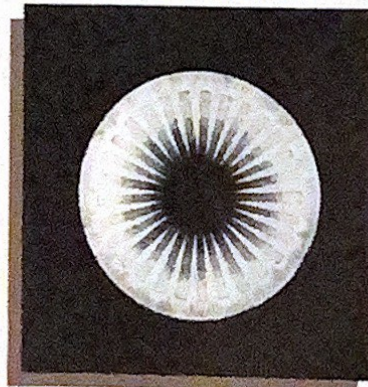
A teoria da criação elaborada por ele, ilustrada em cinco das seis gravuras abaixo e à direita, é um elemento central da *História*. Segundo Fludd, a matéria-

prima do cosmo era um abismo escuro, sem forma e infinito. No ato inicial da criação, apareceu uma forma espiritual

As Grandes Trevas



Primeira Aparição da Luz



Separação das Águas



reais, eram de inspiração rosa-cruz, e que como tal eram os primeiros frutos reais do fraternalismo de que a rosa-cruz sempre foi portadora.

O escritor inglês Thomas De Quincey, do século XIX, que examinara as conexões entre a maçonaria e a irmandade rosa-cruz, concluiu que a rosa-cruz chegara à Inglaterra apenas como idéia, sem rituais, membros e lojas estabelecidas. No clima favorável da Inglaterra, porém, os ideais utópicos da ordem haviam sido prontamente absorvidos e puderam manifestar-se de maneira mais concreta pelos maçons, que eram um ramo ampliado e místico das guildas medievais de pedreiros da Inglaterra (páginas 86-89).

De qualquer modo, pouco se ouviu a respeito da própria rosa-cruz por cerca de cem anos após a morte de Fludd. Talvez, como afirma a tradição rosa-cruz, a fraternidade tivesse entrado em um de seus ciclos de "silêncio externo", tornando-se ainda mais clandestina, à espera de um dia auspicioso para emergir. Tal como em grande parte da história do grupo, porém, também neste caso faltam evidências que apoiem essa explicação, e também é plausível que o movimento original tenha simplesmente desaparecido por falta de apoio.

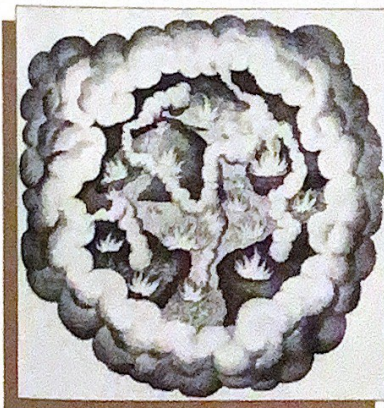
Então, nas primeiras décadas do século XVIII, coincidindo com um surto periódico de interesse público pelo ocultismo,

a rosa-cruz reapareceu. Desta vez, assumiu a forma de várias organizações diferentes — sendo que todas elas defendiam a posição de única verdadeira, descendente da antiga ordem rosa-cruz. Cada uma delas alegava também ter antecedentes que iam até muito além, nas brumas do tempo, da época de Christian Rosenkreuz.

Faltava, porém, a velha ênfase sobre as verdades cósmicas e a iluminação espiritual. Os novos rosa-cruzes eram, de modo geral, de uma estirpe materialista, que se preocupava acima de tudo com exercícios de alquimia física, como a química medicinal e a manufatura de gemas de imitação. Assim os que mais se interessavam em tornar-se rosa-cruzes eram os diletantes e amadores das pseudociências.

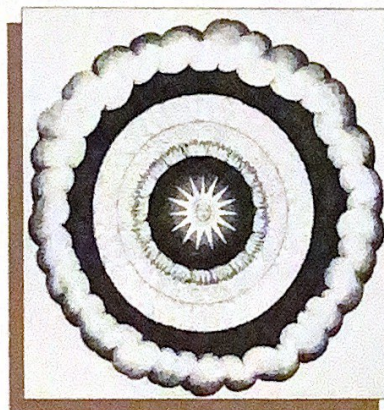
É claro que nem todos os irmãos da rosa-cruz reencarnados eram, necessariamente, charlatães e embusteiros; podem muito bem ter acreditado em suas alegações. Tal era o estado da erudição e da investigação científica no início do século XVIII que todo tipo de "tradições" e "artes secretas" era aceito sem qualquer investigação rigorosa e sem preocupação com provas.

Segundo o famoso ensaísta sir Richard Steele, em um de seus textos de mexericos para o jornal *Tatler*, de ampla circulação, os rosa-cruzes da Inglaterra reapareceram em 1709



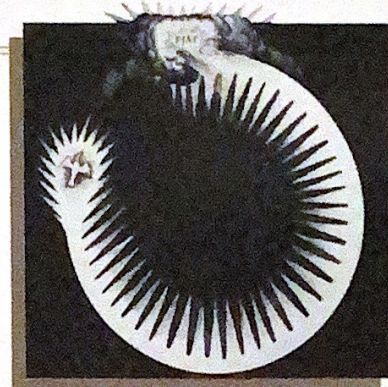
Os Elementos Fechados no Caos

de luz que representava a inteligência angélica, a "virtude dos céus, a alma racional no homem e a força vital dos domínios inferiores".



Ordem Imposta pelo Sol

A seguir, a luz divina dividiu a matéria em águas superiores e inferiores. As inferiores, vistas na terceira gravura como uma nuvem escura, ficaram passivas, enquanto as superiores a seu redor resguardaram o fogo do amor. No quarto estágio, as águas inferiores apareceram como uma massa caótica, com os quatro elementos em



O Início da Criação de Deus

batalha uns contra outros. Restaurada a ordem, na gravura seguinte, os elementos alinharam-se em círculos concêntricos de fogo, ar, água e terra ao redor do sol.

O sexto desenho associa a teoria de Fludd à criação bíblica descrita no Gênesis. Coroada pela palavra primordial de Deus, *fiat*, ou "faça-se", a imagem representa a luz angélica que apareceu no primeiro dia por ordem dele. Segundo a *História*, no segundo e no terceiro dia da criação surgiram o firmamento celeste e a terra.

como "um grupo de Pessoas que tomam o nome de Rapazes Bonitos, assumem novos Nomes, têm seus Sinais e Senhas como Maçons, mas aparentemente diferentes dos Maçons, e reclamam do Sexo Feminino" — talvez uma alusão deturpada aos votos de castidade dos primeiros rosa-cruzes.

Ao mesmo tempo que emergia o grupo inglês, um bando de rosa-cruzes alemães formou-se aparentemente em algum lugar perto de Breslau, bem junto à fronteira polonesa. O cronista desse grupo foi um certo Sigmund Richter, que escrevia sob o pseudônimo de Sincerus Renuus. Em 1710, ele publicou uma obra intitulada *Uma Perfeita e Verdadeira Perfeição da Pedra Filosofal, Segundo os Métodos Secretos das Irmandades da Cruz Dourada e Rosada*.

Richter, que dizia ser membro da misteriosa fraternidade, descrevia-a como formada por filiais Douradas e Rosadas separadas, cada uma com 31 membros, ou "adepti". Supervisionando as duas havia um "imperator". Richter não explicava se havia qualquer distinção entre as filiais com base em suas atividades, afiliação religiosa ou nacionalidade, mas afirmava que o velho espírito antipapista fora substituído por uma atitude de tolerância religiosa geral, um sinal de que as convulsões partidárias da Reforma e da Contra-Reforma haviam finalmente perdido sua força.

A rosa-cruz de Richter era notável pela nova ênfase às regras e aos rituais. Ele listou 52 regulamentos, sendo alguns deles muito específicos. A regra de número 36, por exemplo, adver-

Um manuscrito alemão anônimo de cerca de 1800 mostra a abreviatura rosa-cruz comum, R.C., ao lado de temas alquímicos populares tais como a união do sol e da lua e uma serpente que consome a si mesma.



tia que "nenhum irmão, em suas viagens, levará o Tesouro da Filosofia na forma de óleo, mas apenas na de pó da primeira projeção, estando o mesmo contido em uma caixa de metal com uma tranca de metal". Além disso, os rosa-cruzes estavam proibidos de "fabricar pérolas e outras gemas maiores que o tamanho natural" e de "divulgar a sagrada e secreta matéria, ou qualquer de suas manipulações, coagulações ou soluções".

Tal como nos velhos tempos, esperava-se que Richter e seus irmãos da Cruz Dourada e Rosada escolhessem seus próprios sucessores, mas a maneira como isso deveria ser feito foi apresentada de forma muito mais explícita do que antes, assim como a iniciação e a carreira subsequente dos novos irmãos. Quando um membro novo completasse seu treinamento, deveria ser recebido "em uma das casas construídas às nossas custas", ganhar um Sinal de Paz juntamente com uma folha de palmeira, ser beijado três vezes e finalmente ser instado ao silêncio.

O iniciando deveria então ajoelhar-se e recitar o voto da ordem, jurando "pelo Deus Vivo e Eterno que nunca revelarei o Mistério que a mim foi comunicado a qualquer ser humano; mas conservá-lo-ei resguardado em seu esconderijo, sob o selo natural, todos os dias de minha vida. Mantereí do mesmo modo em segredo todas as coisas a ele pertencentes, à medida que me forem dadas a conhecer. Nada descobrirei concernente à posição de nossa Ordem, nem à moradia, ao nome e ao sobrenome de nosso *imperator*, nem mostrarei a Pedra a ninguém. Todas essas coisas eu prometo preservar eternamente em silêncio sagrado, com risco de minha própria vida, com a ajuda de Deus e de Sua Palavra".

O mestre que havia treinado o iniciando cortava então sete cachos dos cabelos do novo membro, embrulhava cada cacho em um pedaço separado de papel no qual estava escrito o nome de batismo e o nome sacramental do irmão e entregava-os ao *imperator* para que este o guardasse em segurança. Depois disso, o irmão saudava os outros irmãos com uma troca ritual de senhas secretas, tinha um mínimo de contato social com mulheres — embora pudesse casar-se, caso o desejasse muito — e prosseguia com o trabalho da "Pedra e do Grande Elixir", o que provavelmente significava a alquimia física e a medicina. Segundo

um relato, os membros de pelo menos uma loja sempre carregavam com eles uma corda de seda negra. Esta deveria ser usada para que se enforcassem caso se sentissem tentados a revelar os segredos da fraternidade.



antes de começar a desaparecer gradualmente, a rosa-cruz ritualista sobreviveu durante a maior parte do século XVIII. Um ramo, conhecido como os Irmãos Asiáticos da Rosa-Cruz, surgiu em Amsterdam antes de 1780. Criação evidente de um certo barão Hans Carl von Ecker und Eckhoffen, os irmãos asiáticos convidavam para seus círculos, de uma hospitalidade incomum, judeus, turcos, persas, russos e armênios, além de cristãos ortodoxos. Os ensinamentos do grupo rosa-cruz incluíam matérias úteis tais como a maneira de fabricar ouro, como preparar remédios milagrosos e como domar espíritos elementares — dos quais havia quatro classes: as sílfides do ar, as ondinas da água, os gnomos da terra e as salamandras, que habitavam o fogo.

Os iniciandos dos irmãos asiáticos tinham que ascender através de cinco graus de associação antes de atingir a sabedoria sublime. Na fase inicial, como "solicitantes", deviam vestir-se inteiramente de negro, inclusive com um chapéu negro redondo com plumas negras, uma faixa negra com três botões rosa e uma espada com uma bainha negra. Depois de quatorze meses, o solicitante era promovido a "sofredor" e por sete meses ele usava suas capas, bainhas e plumas enfeitadas com toques de branco. Durante esse período, ele tomava parte de algumas "pesquisas" secretas.

Os três últimos graus, supostamente, conferiam segredos cada vez mais importantes. Contudo, a impressão que se tem é a de que os Irmãos Asiáticos eram acima de tudo um esquema para fazer dinheiro, que servia para manter cheios os bolsos do barão Von Ecker, através de taxas de admissão, além de, talvez, taxas adicionais para os graus de maior prestígio. No entanto, tal como muitos outros grupos rosa-cruzes desgarrados, esse movimento pretensioso só foi capaz de sobreviver enquanto houve dinheiro fácil a ser arrancado da população local.

Talvez por vergonha, as vítimas dessas organizações ra-

ramente saíam a público para protestar. Um homem que achou coragem suficiente — e preservou o anonimato sob o pseudônimo de Magister Pianco — escreveu em 1782 uma irada revelação chamada *Os Rosa-cruzes Desvelados*. O texto falava dos anos devotados ao estudo paciente e à pequena fortuna gasta para ascender os degraus da escada rosa-cruz, apenas para descobrir que a prometida instrução nas “coisas divinas” não viria; na verdade, ela não existia. Pianco disse que o *imperator* dele era um valentão atemorizante, uma “espécie de híbrido de homem com besta. Nenhum cristão honesto poderia tratar com ele sem medo de ser esfolado vivo. Caso fossem sugeridas dúvidas, ele pronunciava blasfêmias que envergonhariam o mais violento malfeitor”.

A era acabou produzindo uma figura que tirou belos proveitos de sua associação com a rosa-cruz — ou pelo menos, possivelmente, pela aparência de tal conexão, pois ele sempre deixou que a questão de sua qualidade de membro da organização permanecesse ambígua. Este homem era o conde de Saint-Germain, o célebre sábio e cavaleiro que parece ter vivido uma dúzia de vidas diferentes. Saint-Germain desfrutou de enormes privilégios nas cortes reais da Europa durante 35 anos.

O conde apareceu confiantemente no cenário pela primeira vez como um homem de trinta e poucos anos, em Londres, no ano de 1743. Já então, seus talentos extraordinários haviam garantido seu acesso aos salões mais grandiosos, onde ele não só compunha música e tocava violino com graça sublime, como também dava mostras de uma memória prodigiosa para fatos históricos, e falava todas as línguas da Europa, além de chinês, árabe, sânscrito, grego e latim clássicos. Era um inventor notável e exibia um alto grau de habilidade em química, em particular na área das tinturas, que estavam em grande demanda para vestir os aristocratas em grande estilo. Corria o boato de que ele possuía o segredo da transmutação das pedras e metais preciosos e das pérolas. Em medicina, dizia-se que ele havia composto uma fórmula que prolongava a vida; com efeito, ele afirmava ter 2.000 anos de idade e muitos maravilhavam-se com o fato de que ele parecia não envelhecer nunca.

O escritor inglês Horace Walpole disse do exótico conde: “Ele é chamado de italiano, espanhol, polaco; e que é alguém

que se casou com uma [mulher] de grande fortuna no México e fugiu com as jóias dela para Constantinopla; um padre, um violonista, um nobre.” Walpole achava que Saint-Germain era um músico de talento, mas, além disso, completamente louco.

Anos depois, Saint-Germain afirmaria ser filho de um príncipe húngaro e de uma princesa alemã, tendo sido educado na Itália pelos Médicis. Alguns incrédulos retrucavam que ele era na verdade um judeu português. Qualquer que fosse sua origem, o certo é que ele parecia ser fidalgo; quando chegou à corte de Luís XV, logo após sua estadia em Londres, as damas apeçaram-se muito a ele. A condessa d’Adhémar escreveu em seu diário, com algo mais do que um olhar estritamente descritivo, que “suas roupas de baixo, que lhe ficavam bem justas, sugeriam uma rara perfeição de formas. Seu sorriso mostrava dentes magníficos, uma bela pinta marcava seu queixo, seus cabelos eram negros e seu olhar suave e penetrante. E, oh, que olhos! Nunca vi outros como os dele”.

Os homens também ficavam fortemente impressionados com o conde. Uma personagem tão destacada quanto o renomado escritor Voltaire descreveu Saint-Germain simplesmente como “um homem que nunca morre e sabe tudo”. Até mesmo o alquimista, mesmerista e nicromante italiano Alessandro Cagliostro, que estava em posição melhor do que ninguém para reconhecer embustes, foi forçado a admitir que seu rival possuía talentos extraordinários e inexplicáveis.



e Saint-Germain foi algum dia admitido na ordem rosa-cruz é um mistério até hoje. Historiadores subsequentes do ocultismo, inclusive Helena Petrovna Blavatsky, a controversa fundadora do sistema filosófico e religioso conhecido como teosofia (páginas 126-145), ficaram felizes por poder declarar que Saint-Germain era um rosa-cruz consumado, com base em suas supostas realizações. E Annie Besant, uma das discípulas mais ardentes de Helena Blavatsky até seguir sua própria estrela oculta para a Índia, fez uma defesa emo-

Os escritos do mago francês Eliphas Lévi reacenderam o interesse pela rosa-cruz no século XIX — e deram uma nova ênfase à magia e à cabala. O Selo de Salomão, um triângulo duplo, é de uma edição de 1896 de Magia Transcendental, de Lévi.

cionada de Saint-Germain, afirmando que ele era a reencarnação de sir Francis Bacon e de Christian Rosenkreuz.

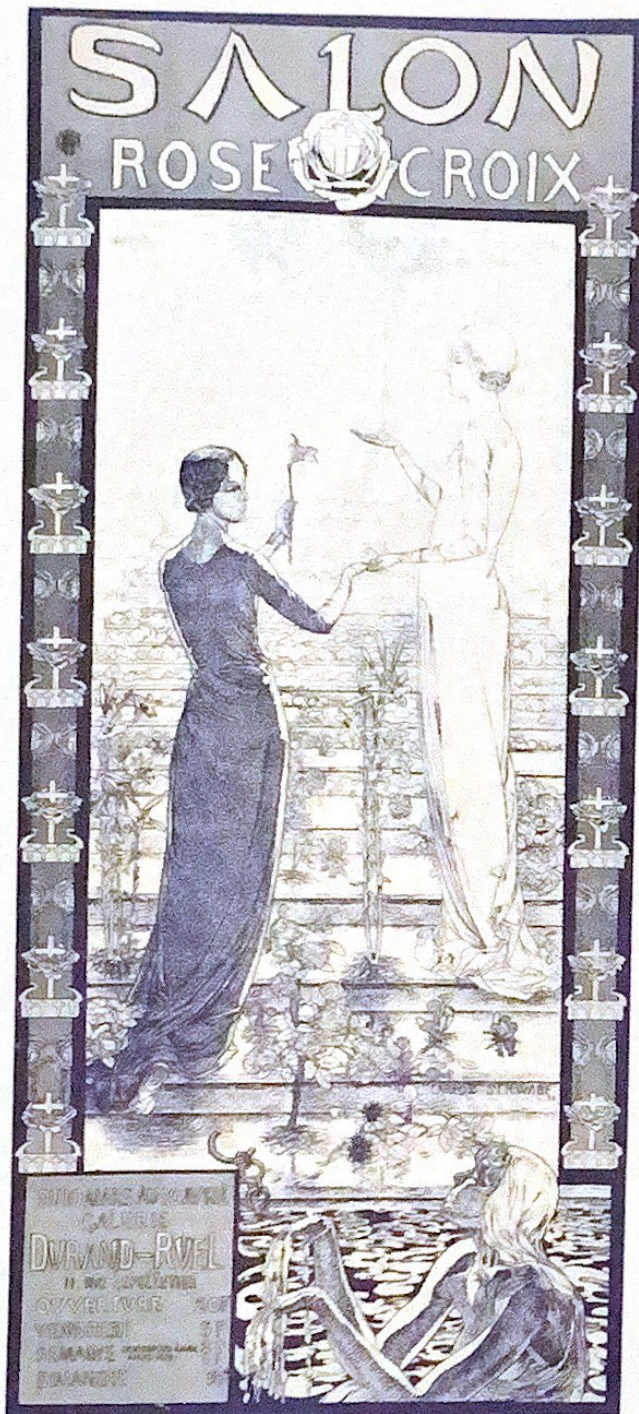
O conde de Saint-Germain, com certeza, chegou mais perto do que qualquer outra figura pública do estilo de vida exterior que se supunha ser adotado pelos irmãos da rosa-cruz, embora ele o tenha feito com muito mais petulância do que recomendaria a espiritualidade concebida pelos fundadores da ordem. Além de chamar a si mesmo de conde de Saint-Germain, ele tinha pelo menos vinte outros nomes e títulos nobiliárquicos, que ele parece ter assumido pelo puro divertimento

de representar novos papéis. O conde viajava para tantos lugares, e com tal freqüência, que os desavisados imaginavam alguma capacidade oculta de transportar-se pela força da vontade, tal como os manifestos rosa-cruzes haviam afirmado ser possível. Parecia de fato um homem de extraordinária boa vontade, inspirando o príncipe Carlos de Hesse a referir-se a ele como "amigo da humanidade" e "um dos maiores filósofos que jamais viveu". E ele realizava todo tipo de feitos herméticos para seus anfitriões, dos quais o menos impressionante não era aquele em que transformava, provavelmente com prestidigitação, diamantes com jaça em gemas perfeitas.

Uma das estranhezas mais intrigantes que rodeiam a vida do conde talvez seja a data de sua morte. Diz-se que ele encontrou a morte em Schleswig, no ano de 1784, quando era hóspede do príncipe Carlos de Hesse, por um contato acidental com uma substância venenosa gerada durante uma de suas experiências químicas. Contudo, mesmo na morte, Saint-Germain parece ter continuado a viver. Várias pessoas afirmaram tê-lo visto e falado com ele em diversas ocasiões, por quase quarenta anos, até 1820. Na maior parte



Um cartaz de 1892, com figuras femininas que anseiam pela eternidade, é típico das obras de arte exibidas nos salões populares de Joséphin Péladan, fundador de um grupo rosa-cruz dissidente.



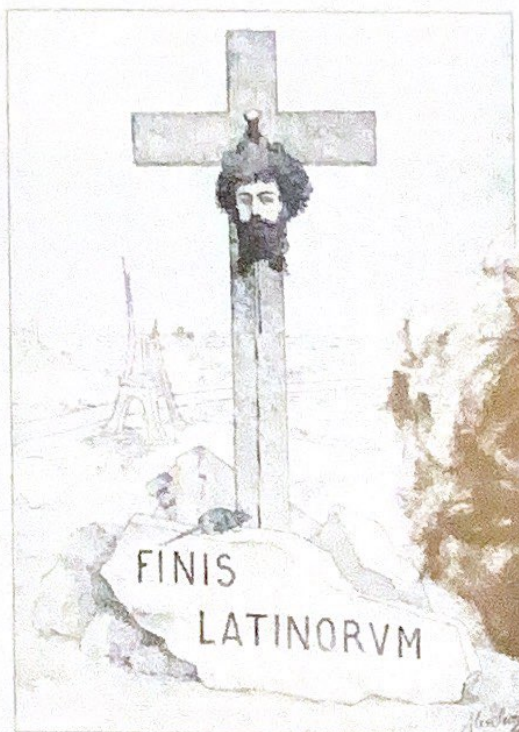
das vezes, as ocasiões eram sombrias: a decapitação de Maria Antonieta em 1793, a morte do duque d'Enghien em 1804, a véspera do assassinato do duque de Berri em 1820. Era como se o conde quisesse lembrar a todos que ele era verdadeiramente imortal, que estava além daquela morte terrena capaz de levar embora os demais.

Na época em que o conde foi visto pela última vez, a rosa-cruz havia entrado em outro de seus períodos de silêncio exterior — talvez para resistir às profundas mudanças políticas que varriam a Europa e a América. É claro que, como sempre, havia pseudo-rosa-cruzes em circulação, que vendiam de tudo, desde pedaços da pedra filosofal até falsas admissões para a ordem. O nome da fraternidade continuou vivo, mas a maioria dos grupos que outrora se envaideciam dos ritos e rituais realizados sob sua égide haviam sido absorvidos pelas ordens maçônicas ou desaparecido inteiramente. Mas então, na última metade do século XIX, houve um ressurgimento da crença no sobrenatural e no oculto, áreas que nutriram o eventual desenvolvimento rosa-cruz moderno. Influenciada por esse aumento do interesse pelo sobrenatural, a ordem viria a afastar-se ainda mais do utopismo simples e tranquilo das velhas irmandades.

O impulso veio principalmente dos escritos ocultistas do abade Alphonse-Louis Constant, um apóstata francês que deixara a igreja para seguir seus interesses pela magia. Mudando seu nome para Éliphas Lévi, o padre renegado aceitou as noções tradicionais em que se baseia grande parte da magia. Entre estas estava a crença de que o homem é um microcosmo do universo e que todas as coisas no cosmo estão ligadas por uma rede invisível de correspondências interiores, que ocasionalmente se revelam aos mortais através de sinais e talismãs. Contudo, ele foi o primeiro a associar a cabala às cartas de tarô.

Em sua obra *A Magia Transcendental, Sua Doutrina e Ritual*, publicada pela primeira vez em meados da década de 1850, Lévi alegava ter descoberto um elo inequívoco entre as 22 letras do alfabeto hebraico, os 22 trunfos do baralho de tarô e os 22 caminhos da Árvore da Vida. No ato de desvendar seus significados, dizia Lévi, seriam encontradas as chaves para os mistérios da vida.

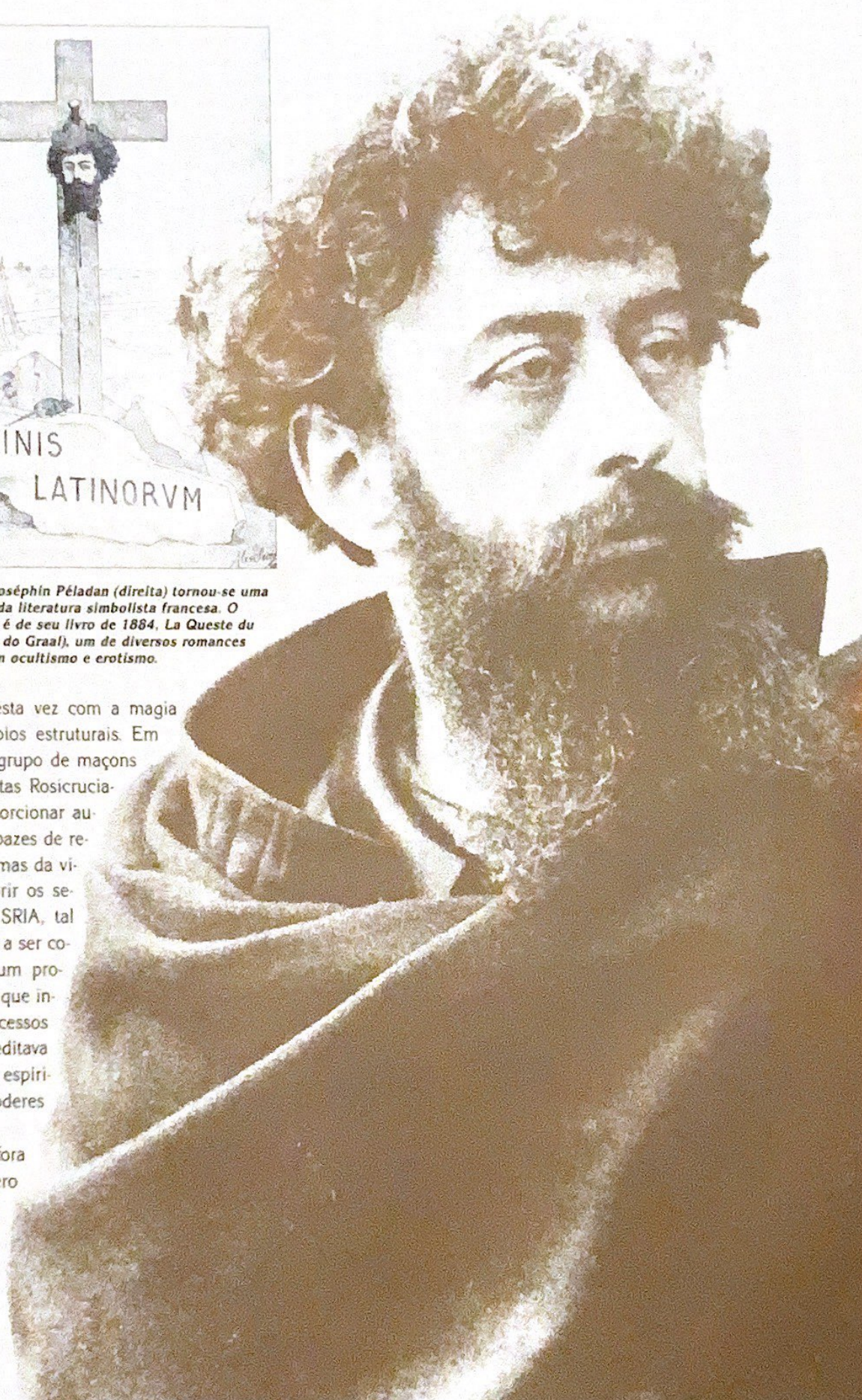
Embora Lévi afirmasse nunca ter estado pessoalmente envolvido com a rosa-cruz, suas teorias de magia e correspondências incentivaram uma nova geração de seguidores a reviver o



*O excêntrico Joséphin Péladan (direita) tornou-se uma figura notável da literatura simbolista francesa. O desenho acima é de seu livro de 1884, *La Queste du Graal* (A Busca do Graal), um de diversos romances que misturavam ocultismo e erotismo.*

movimento rosa-cruz, desta vez com a magia e a cabala como princípios estruturais. Em 1866, por exemplo, um grupo de maçons ingleses formou a Societas Rosicruciana in Anglia, "para proporcionar auxílio e ânimo mútuos capazes de resolver os grandes problemas da vida e de também descobrir os segredos da natureza". A SRIA, tal como a organização veio a ser conhecida, desenvolveu um programa novo e ambicioso que incluía o cultivo de "processos mentais (...) que se acreditava induzirem à iluminação espiritual e ampliarem os poderes dos sentidos humanos".

Antes dessa época, fora impossível avaliar o número de membros das sociedades rosa-cruzes. Mas a SRIA parecia orgulhar-se de poder contar que, no



início da década de 1870, sua filial inglesa, sozinha, contava com 144 membros nos nove graus, de *zelator* (zeloso perseguidor da iluminação) a *magus* (sábio ou mago). O grupo inglês tinha postos avançados na Alemanha, na Índia britânica, nas colônias francesas e na América do Sul. Em todo o mundo, o movimento ufanava-se de ter cerca de quinhentos membros. Com o tempo, porém, alguns dos membros fundadores resolveram separar-se e, em 1887, alguns deles organizaram um novo grupo chamado de Ordem Hermética da Aurora Dourada, que parece ter sido em parte rosa-cruz, em parte teosofista e em parte puramente mágico.

Mais ou menos na mesma época, na França, as teorias cabalísticas de Éliphas Lévi deram origem a novas dissidências rosa-cruzes. A primeira delas foi a *Ordre Kabbalistique de la Rose-Croix*, uma organização exótica fundada em 1888 pelo marquês Stanislas de Guaita, poeta bissexto com fortes inclinações para o tarô e a numerologia. A hierarquia de de Guaita consistia de um Conselho Supremo de Doze, mas quase não havia membros comuns. Tal como escreveu um observador, "Não tendo nada para governar, eles ficavam em um estado de inércia expectante", mal conseguindo manter-se à tona sob sucessivos *imperatores*, até 1918. Um membro do Conselho Supremo que, evidentemente, não conseguiu tolerar a inércia expectante foi Joséphin Péladan, que em 1890 organizou sua própria ordem cismática da *Rose-Croix do Templo e do Graal*.

Péladan era, pelo menos, um excêntrico magnífico. Andava por Paris vestido com hábitos de monge ou gibões medievais, segundo seu humor, e gostava de chamar a si mesmo de *Sar Merodack*, que era uma corruptela de um título real concebido a partir do antigo assírio e caldeu. Nos dias de sua juventude, Péladan, que fora bancário, dedicou-se a escrever romances erótico-ocultistas e tratados de auto-ajuda ocultista do tipo *Como Tornar-se uma Fada* ou *Como Tornar-se um Mago*. Sua razão declarada para fundar uma irmandade rosa-cruz em concorrência com a de de Guaita era considerar que a *Ordre Kabbalistique* era pagã demais em suas práticas e crenças; ele queria unir a rosa-cruz a uma espécie pura de catolicismo, no que deveria ser um movimento livre de máculas materialistas.

A rosa-cruz de Péladan acabou roubando a cena de de Guai-

ta — não por motivos de ortodoxia religiosa, mas porque Péladan incorporou preocupações estéticas e literárias a sua versão da ordem. Em Paris, que na época fervilhava de impulsos criativos, tais coisas exerciam uma atração mais forte do que as meras cartas de tarô. A partir de 1892, Péladan organizou uma série de salões artísticos, fez conferências sobre pintura à maneira mística e produziu várias peças ocultistas, inclusive duas que ele insistiu serem obras perdidas do grande dramaturgo grego Ésquilo.



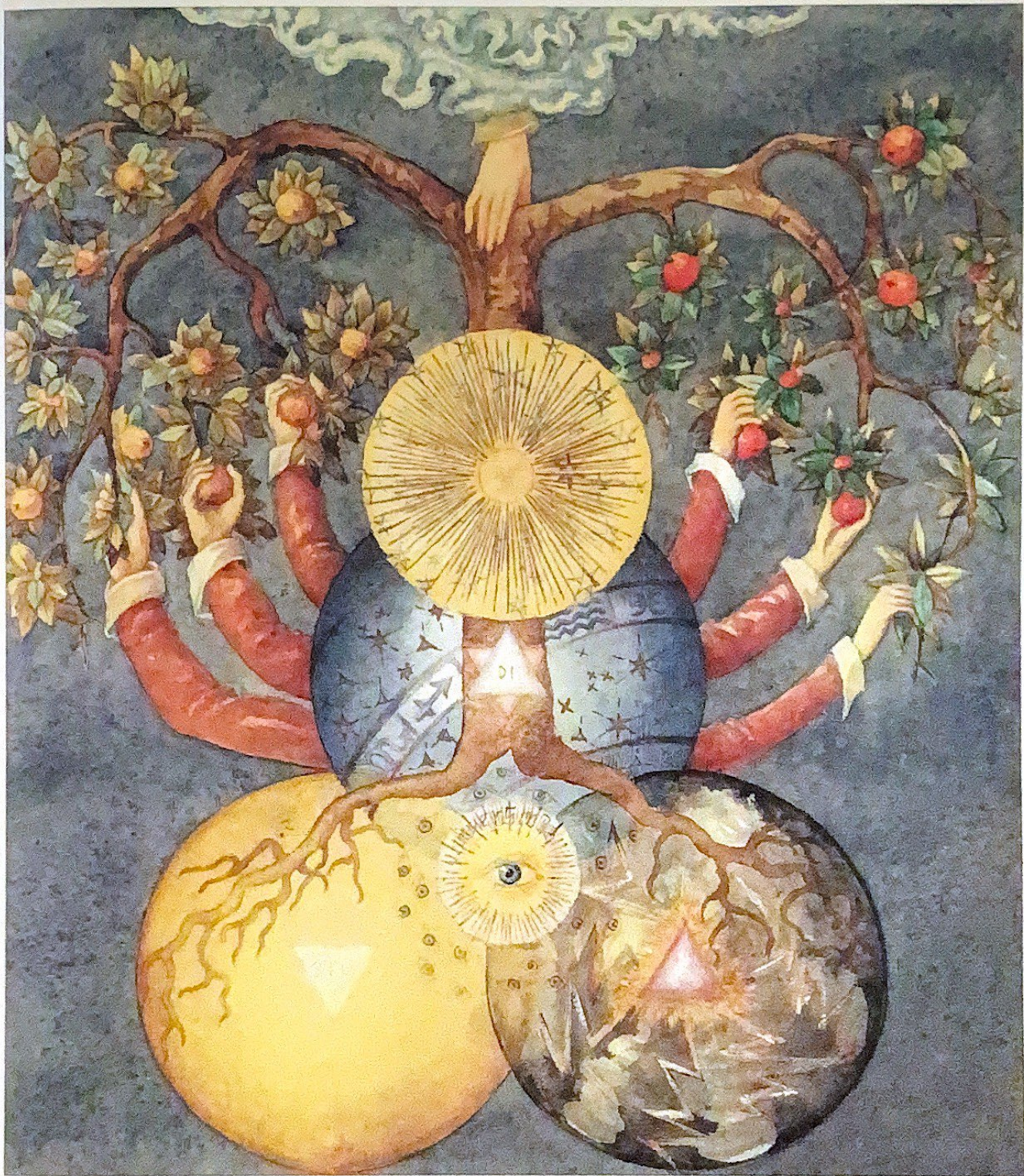
pesar de toda a atividade rosa-cruz na Europa, a ordem parece só ter lançado raízes nos Estados Unidos na primeira década do século XX. No entanto, quando ela finalmente chegou ao Novo Mundo, a irmandade apresentou-se em diversas versões interessantes. Cada uma tinha uma história diferente, concebida para conferir tradição e autoridade ao empreendimento.

A primeira a declarar-se foi a Associação Rosa-Cruz, estabelecida em 1907 por um imigrante alemão chamado Carl van Grasshof, que na época de sua conversão era membro graduado do movimento teosófico de Los Angeles. Van Grasshof afirmava ter sido iniciado na irmandade por outros membros que ele ficara conhecendo durante uma viagem prolongada pela Europa oriental.

Quando voltou para a Califórnia de sua adoção, mudou o nome para Max Heindel e escreveu um texto intitulado *Cosmo-Concepção Rosa-Cruz*, no qual dissertava acerca dos segredos que havia aprendido. Depois disso saiu em busca de seguidores, a quem oferecia instrução em sua sede em Oceanside, ao sul de Los Angeles. Os rosa-cruzes de Heindel eram incitados a acreditar na reencarnação, na existência de espíritos auxiliares e nos efeitos nocivos do tabaco, do álcool e da carne. Antes de serem aceitos para se prepararem à iniciação precisavam comprovar sua renúncia a esses males.

Outro tipo de rosa-cruz foi proclamado por R. Swinburne Clymer, que mais ou menos na mesma época declarou-se mago principal da *Fraternitatis Rosae Crucis*. O grupo de Clymer, sediado em Quakertown, na Pensilvânia, alegava ter uma história que remontava a 1858. Suas crenças pareciam-se mui-

Um manuscrito alemão anônimo de 1943 que apareceu entre os horrores da Segunda Guerra Mundial continha esta aquarela, cópia de uma iluminura de um texto alemão de 1785 chamado *Símbolos Secretos dos Rosa-cruzes*. A obra mostra a luta entre o bem e o mal, representada pela *Árvore do Conhecimento do Jardim do Éden*.



to com as da rosa-cruz de Heindel, mas há poucos indícios de quantos membros conseguiu atrair. Uma terceira variedade foi a Societas Rosicruciana in America, fundada em 1907 por Sylvester C. Gould, atualmente com sede na cidade de Kingston, no estado de Nova York.

O último e mais duradouro empreendimento foi a Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis (AMORC) de San Jose, na Califórnia. Esse grupo reivindicava uma linhagem americana que remontava a 1693, quando uma comunidade de místicos alemães emigrou para a Pensilvânia, buscando o "elixir da vida" nas margens do rio Wissahickon, perto de onde hoje é o bairro de Germantown, na Filadélfia. Aparentemente, a comunidade continuou até 1801, quando ao que parece ela se dissolveu, as pessoas abandonaram as casas e se espalharam — de acordo, segundo os rosa-cruzes, com um anti-

go ciclo de 108 anos de renascimento, atividade, repouso e espera. Então, em 1909, chegou o momento de reorganizar-se.

O imperador escolhido foi H. Spencer Lewis, um ocultista praticante, automeado doutor em filosofia e, de vez em quando, publicitário. Lewis asseverava ter recebido de certos adeptos franceses tanto seu posto quanto a autorização para estabelecer uma ordem nos Estados Unidos. Dizia ter passado seis anos preparando-se para cumprir essa árdua tarefa, estudando na Europa e trabalhando, com a ajuda de um comitê fundador, para produzir o primeiro manifesto que incorporava os antigos ensinamentos rosa-cruzes. Quando foi pu-



O fundador da AMORC, H. Spencer Lewis, fotografado na primeira sede da ordem por volta de 1920, envolveu-se com a rosa-cruz durante uma viagem à França, em 1909. O grupo que ele fundou em 1915 nos Estados Unidos é hoje a maior sociedade rosa-cruz do país.

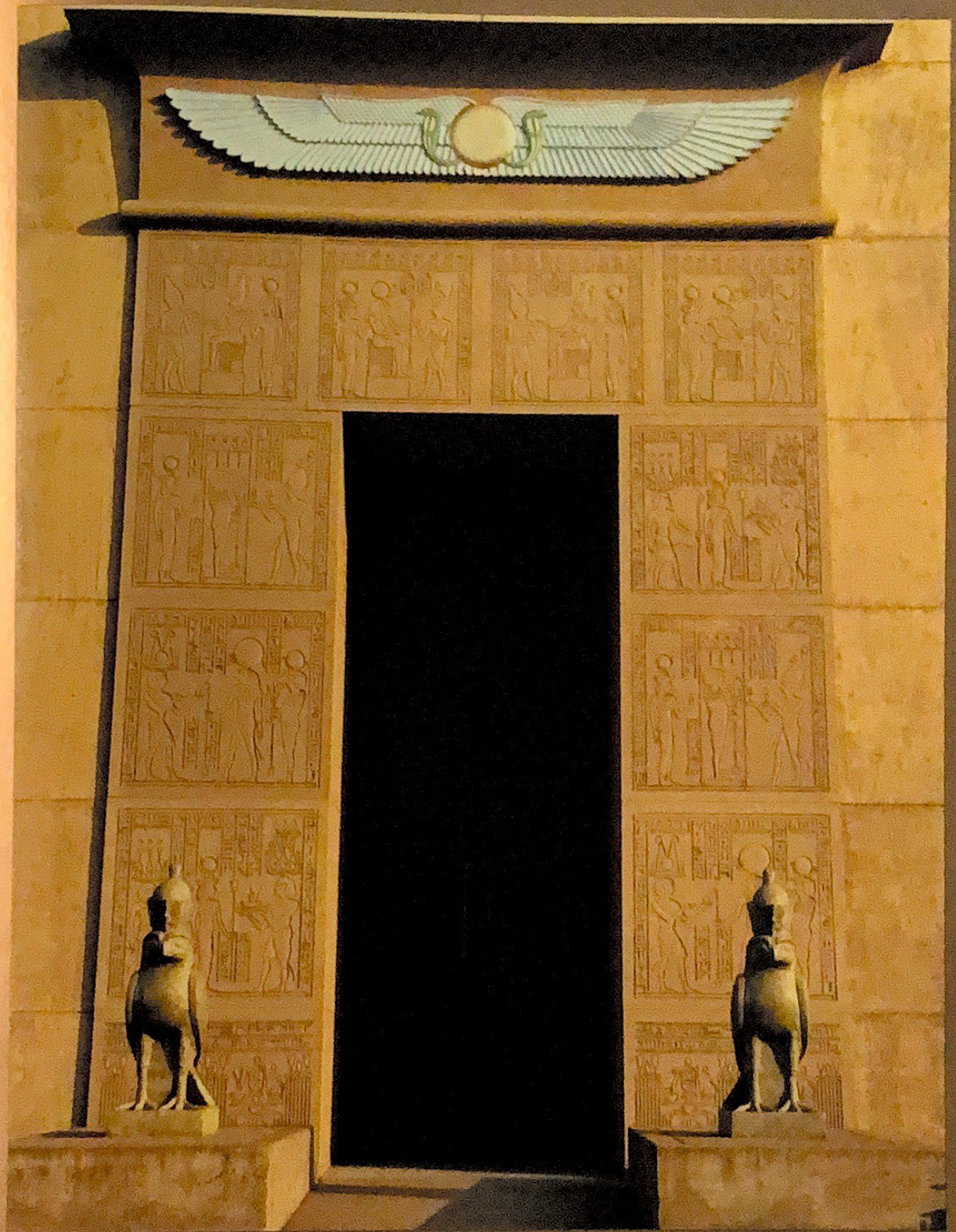
ter do jornal *New York World*. Quinze dos membros haviam recebido cartões solicitando que trouxessem certos ingredientes para a reunião, ingredientes esses que deveriam ser mantidos em segredo, mesmo entre os quinze escolhidos. Na hora determinada, após diversas orações e um breve discurso sobre a alquimia, H. Spencer Lewis colocou um pedaço de zinco ordinário em uma vasilha de porcelana, que depois foi posta sobre o fogo de um cadinho.

Os vários ingredientes, entre eles pétalas de rosa, foram então apresentados a Lewis, que os pousou um a um na mesma vasilha, juntamente com o zinco. Segundo um relato que

A porta frontal do prédio administrativo da AMORC em San Jose, na Califórnia, para onde a ordem se mudou em 1927, ostenta imagens de estilo egípcio, refletindo os supostos laços do grupo com as antigas religiões de mistérios do Egito. O vasto Parque Rosa-cruz cobre todo um quarteirão; inclui a Universidade Rosa-cruz, museus de ciências e antiguidades egípcias, um planetário e um templo.

blicado em 1915, diz o manual oficial da AMORC, o documento foi "calorosamente recebido por uma assembléia de mais de trezentos destacados estudiosos dos ensinamentos, que examinaram os papéis, selos e alvarás apostos pelo imperador Lewis e formaram o primeiro Conselho Americano da Ordem". Armados com isso e alegando serem a única ordem rosa-cruz dos Estados Unidos, Lewis e a AMORC estavam bem encaminhados.

Lewis pode ter sido muitas outras coisas, mas com certeza era um excelente *showman*, e uma espécie de gênio da promoção. Embora a transmutação de metais houvesse sido abjurada como um fim em si mesmo, isso não impediu que, no dia 22 de junho de 1916, Lewis armasse uma impressionante demonstração diante de uma platéia composta por 27 membros da ordem e um repór-



se fez da reunião. "Após os 16 minutos requeridos, durante os quais o *imperator* concentrou um poder pouco conhecido da mente, o pedaço de zinco foi transformado em ouro — e isso foi de fato comprovado quimicamente".

Tratava-se — ou parecia tratar-se — de uma magia poderosa e com base nela o grupo de Lewis distanciou-se rapidamente de todos os rivais. Lewis não era nem um pouco seletivo ou discreto em seus esforços para conseguir novos membros, que eram feitos principalmente por meio de anúncios nos jornais e revistas populares. O *imperator* convidava a todos, tanto homens como mulheres, que fossem "sinceros no desejo de melhorar a própria vida e fazer avançar a humanidade", a alistar-se e começar a receber instruções por correspondência. Em troca de uma taxa de iniciação de cinco dólares e de prestações mensais de três dólares e meio, o novo rosa-cruz receberia uma carteira de membro, a senha secreta, um diagrama detalhado do aperto de mão secreto, uma revista e aulas quinzenais destinadas a ensinar os mistérios da vida.



Os que prosseguissem seus "discursos" através dos doze graus podiam estar certos de desenvolver a força de vontade, manter a saúde, melhorar a memória e superar os maus hábitos. Além disso, poderiam entender o sentido da vida, saber a verdade sobre a reencarnação, reforçar a personalidade, influenciar outras pessoas, melhorar a intuição e, em geral, atingir a consciência cósmica.

Os membros que completassem o primeiro grau e não pudessem chegar até uma das lojas espalhadas por todo o país recebiam instruções para iniciar a si mesmos como membros plenos. Deveriam ficar diante de um espelho, traçando uma cruz no vidro enquanto murmuravam, "Salve, Santa Cruz!", após o que deveriam meditar por três minutos e finalmente tocar a testa com a ponta do indicador entoando a palavra *paz*.

Fazendo isso, eles estariam se juntando a um grupo seletivo que, afirmava-se, incluía o faraó Akhnaton, Platão, Aristóteles, Jesus, Cícero, são Tomás de Aquino, Francis Bacon, Benjamin Franklin e, estranhamente, o compositor francês Claude Debussy. Os que preferissem não se tornar membros plenos poderiam obter uma sabedoria parcial, cujo conteúdo não era

especificado, como membros associados, por apenas um dólar e meio por mês.

Quando H. Spencer Lewis morreu, em 1939, seu filho Ralph continuou o trabalho, assumindo o título de "Suprema Autoridade Autocrática, Imperator para as Américas do Norte, Central e do Sul, Comunidade e Império Britânico, França, Suíça, Suécia e África". Com a morte de Ralph Lewis em 1987, a tocha da liderança passou às mãos de um protegido, Gary Stewart, e a organização dos Lewis é de longe a maior seita dos dias de hoje com o nome de rosa-cruz. Segundo certos cálculos, a AMORC vangloria-se de ter 60 mil membros em cem lojas americanas e 26 estrangeiras associadas. O orçamento anual para impressão, correio e coisas do gênero pode chegar a um milhão de dólares, com uma folha de pagamento que foi superior a 630 mil dólares em um ano recente.

A sede central no Rosicrucian Park em San Jose estende-se por todo um quarteirão, com jardins magníficos e um impressionante conjunto de edifícios com motivos egípcios e estátuas de esfinges. Há um grande Museu e Galeria de Arte Egípcia, que, dizem, possui a melhor coleção de antiguidades egípcias e babilônicas no oeste dos Estados Unidos. Além disso, os membros podem freqüentar o Museu de Ciências, um planetário moderno, um auditório e um complexo educacional com salas de aula, estúdios de som e laboratórios para o estudo de física, química, biologia, parapsicologia e fotografia.

Os antigos rosa-cruzes, se é que existiram, não reconheceriam o lugar. Mas talvez outra pessoa reconhecesse. No ano de 1555, mais ou menos, mais de meio século antes da publicação do *Fama Fraternitatis de Christian Rosenkreuz*, Michel de Nostradamus — o grande médico, astrólogo e futurólogo francês conhecido como Nostradamus — compôs uma das intrigantes quadras proféticas que o tornaram famoso. Escreveu: "Uma nova seita de filósofos surgirá/ Desprezando a morte, o ouro, honras e riquezas./ Eles deverão estar perto das montanhas da Alemanha./ Deverão ter abundância de outros para apoiá-los e segui-los."

Tal como aconteceu com freqüência, em especial quando se tratava de geografia, Nostradamus não estava inteiramente certo. Mas é provável que tampouco ele achasse estar totalmente errado.